

Quem pode ser um universitário? Uma análise discursiva da representação imaginária sobre alunos de escolas públicas e privadas /

Who can be a university student? A discursive analysis of the imaginary representation of public and private school students

*Ariadne Siqueira de Medeiros**

Doutoranda do curso de pós-graduação em Letras, linha de Estudos da Linguagem, da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Rio Grande, Brasil.

 <http://orcid.org/0000-0002-8479-6258>

*Rosely Diniz da Silva Machado***

Professora do Instituto de Letras e Artes (ILA) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Doutora em Teorias do Texto e do Discurso, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Rio Grande, Brasil.

 <http://orcid.org/0000-0003-2836-0879>

Recebido em: 08 mai. 2023. **Aprovado em:** 19 ago. 2023.

Como citar este artigo:

MEDEIROS, Ariadne Siqueira; MACHADO, Rosely Diniz da Silva. Quem pode ser um universitário? Uma análise discursiva da representação imaginária sobre alunos de escolas públicas e privadas. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 12, n. 3, p. 47-65 dez. 2023. Doi: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10445454>.

RESUMO

No Brasil, a educação pública é comumente estigmatizada como precária e insuficiente, ao passo que a educação privada é vista como provedora de um “ensino de qualidade”. Dessa forma, sob o viés da Análise de Discurso Pecheuxiana, este artigo objetiva examinar os discursos acerca dos alunos de escolas públicas e particulares, a partir de duas reportagens similares, mas cuja ideia sobre vestibular é oposta: em uma delas é uma “possibilidade”, desde que associada com esforço e diligência, e em outra é uma certeza, a ponto de satirizarem outras profissões alternativas. As matérias são “Se nada der certo’: jovens se fantasiam de faxineiro, mecânico e ambulante em festa escolar”, publicada pelo jornal Extra, em 05/06/2017, e a divulgada no G1, “É possível!” diz estudante de escola pública que passou em Direito e Medicina”, em 20/10/2017. Muitos acreditam que cursar uma universidade é para poucos, aqueles oriundos de escolas particulares que têm melhores condições financeiras. Nas análises, demonstramos como discursos sobre escola pública e privada identificam-se com saberes da classe dominante e alinham-se ao sistema

*

 ariadne.siqueira.medeiros@gmail.com

**

 roselymachado11@gmail.com

capitalista. Enquanto Aparelho Ideológico de Estado, a escola representa o lugar em que a ideologia se realiza, pela contradição, desigualdade e subordinação, conforme Althusser (1985). Assim, sujeito e sentido se constituem como evidentes enquanto efeito da interpelação ideológica, materializada a partir de suas filiações a determinadas FDs, daí a necessidade de gestos de interpretação dos discursos sobre lugares sociais preestabelecidos, para compreendermos que é possível fazer resistência frente a condições que se mostram desiguais e excludentes.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Análise de Discurso; Formações Ideológicas.

ABSTRACT

In Brazil, public education is commonly stigmatized as precarious and insufficient, while private education is the provider of “quality education”. Therefore, through the lenses of Pecheuxian Discourse Analysis, this article aims to examine discourses about public and private school students, based on two similar reports, but whose idea of entrance exam is opposite: in one it is a “possibility”, as it is associated with effort and hard work; in the other it is a certainty, to the point of satirizing other professions. The articles are “If nothing works out: young people dress up as cleaners, mechanics, and street vendors at a school party”, published by the newspaper Extra on 06/05/2017, and the other one, published in G1, “It is possible!”, says public school student who was admitted into Law and Medicine”, on 10/20/2017. Many believe that attending university is for the few, those from private schools who have better financial conditions. In the analyses, we have shown how discourses on public and private schools identify with the knowledge of the ruling class and align themselves with the capitalist system. As an Ideological State Apparatus, the school represents the place where ideology is performed, through contradiction, inequality, and subordination, according to Althusser (1985). Thus, subject and meaning are constituted as evident as the effect of ideological interpellation, materialized from their affiliations to certain DFs, hence the need for gestures of interpretation of discourses on pre-established social places, to understand that it is also possible to resist conditions that are unequal and excluding.

KEYWORDS: Education; Discourse Analysis; Ideological Formations.

1 Introdução

As paredes riscadas, por vezes precisando de reparos, mesas e cadeiras quebradas, salas de aula superlotadas, professores desmotivados; muitos são os problemas que encontramos nas escolas públicas de nível fundamental e médio. Ancoradas neste cenário de dificuldades, encontramos muitas razões dadas para justificarem o porquê de o ensino ser tão ruim no nosso país. Decerto, não há como negar que a deficiência do sistema educacional afeta sobremaneira todos os envolvidos no contexto escolar. Do público ao privado, a trajetória de muitos estudantes pode constituir-se num ponto de chegada comum: o ingresso em uma Universidade.

Preservando a cultura de que o ensino superior garante uma boa colocação no mercado de trabalho, jovens são influenciados a continuarem suas jornadas dentro de Universidades para que obtenham sucesso profissional. Isso, entretanto, produz estereótipos que não correspondem aos dados apresentados pelo Instituto Brasileiro de Estatística e Geografia (IBGE), em 2022, no Brasil, há 8,6 milhões de desempregados, sendo que apenas 29, 276 mil têm curso superior completo. O número de desempregados é menor entre os que têm maior grau de instrução formal, entretanto, ele ainda existe e abrange uma parcela significativa da população.

Podemos somar estes dados ao prestígio social que alguns cursos de graduação têm, em contraste com outros; um exemplo disto é o curso de Medicina e o de Física. De acordo com dados divulgados pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) que apresentam a relação candidato/vaga de seu vestibular realizado do ano de 2023, alguns cursos possuem candidatos que excedem o número de vagas, enquanto outros possuem vagas excedentes: Medicina tem uma relação de 70,33 vestibulandos por vaga e Física 0,5, ou seja, inclusive no momento de escolha das universidades, determinados cursos são mais visados do que outros.

Como observamos, ainda que as escolas no Brasil sejam majoritariamente públicas, estas carregam um grande estigma, pois, como mencionamos, no país, a educação pública é comumente relacionada à precariedade de ensino e ao descaso dos órgãos governamentais; ao passo que a educação privada e, conseqüentemente paga, é vista como provedora de um “ensino de qualidade”. A reprodução desses discursos *naturaliza-se* sob efeito do processo ideológico de formações imaginárias, que sustentam imagens projetadas sobre os tipos de educação e, em decorrência, sobre os tipos de alunos oriundos de determinadas instituições de ensino.

A instituição escolar, segundo Althusser (1985), é um dos aparelhos ideológicos de Estado (AIE), e funciona como uma poderosa forma de imbuir nos sujeitos a ideologia da classe dominante e coagi-los à submissão. Em outras palavras, o Aparelho Ideológico Escolar é responsável por diversificar a força de trabalho “segundo as exigências da divisão social-técnica, nos seus diferentes ‘postos’ e ‘empregos’” (Althusser, 1985, p. 20). Na escola, então, aprendemos quais posições ocuparemos no sistema capitalista. Sob o efeito da interpelação ideológica, tais discursos são propagados, repetidos, sedimentados e, em muitos casos, não são notados e questionados, tornando-se parte das formações imaginárias acerca das instituições de ensino.

Na perspectiva da Análise do Discurso Pecheuxiana (AD), abordagem teórica e metodológica deste trabalho, as formações ideológicas englobam atitudes de um grupo, que não são nem individuais nem universais, mas “que se relacionam as posições de classe em conflito umas com as outras” (Ferreira, 2001, p.13). Com base nisso, notamos que discursos de estudantes provenientes do ensino público afirmam que a graduação é um privilégio de quem faz parte de escolas particulares e que determinados cursos são “elitizados”. Seja porque a nota de corte é muito alta e é muito difícil de entrar, seja porque alguns estudantes precisam terminar a escola e ingressar no mercado de trabalho, o ensino superior ainda é realidade para poucos no país, segundo dados do IBGE, em 2022, menos de 20% da população concluíram seu curso de graduação. Considerando tal porcentagem, podemos constatar que a maioria dos frequentadores

das universidades são oriundos do ensino público, quase 63,3% dos ingressos (Senkevics e Mello, 2019, p. 23) – dado que vai completamente de encontro aos discursos que circulam acerca do perfil dos alunos de instituições superiores.

Sendo assim, notícias como a divulgada, “*É possível!*” diz estudante de escola pública que passou em *Direito e Medicina*, não são condizentes com os dados apresentados, uma vez que estes alunos estão frequentando estas instituições. Ao encontro desta incoerência, despertaram nosso interesse algumas notícias divulgadas de acordo com critérios de noticiabilidade, conforme definido por Charaudeau (2006), o qual diz que para algum fato se tornar matéria jornalística ele precisa ser novo e, para este autor, notícias são “um conjunto de informações que se relacionam a um mesmo espaço temático, tendo um caráter de novidade, proveniente de uma determinada fonte e podendo ser diversamente tratado” (Charaudeau, 2006, p. 132).

Não sendo novidade a aprovação de jovens de escolas públicas, então, qual seria o critério seguido por este jornal? Da mesma forma, a manchete ‘*Se nada der certo*’: *jovens se fantasiam de faxineiro, mecânico e ambulante em festa escolar*, expõe outra realidade antagônica. Desta vez, a noticiabilidade se deu pela atitude dos jovens que sugestionaram, no caso de não aprovação no vestibular, assumirem profissões de faxineiro, vendedor ambulante, mecânico, entre outras.

Considerando a materialidade de tais discursos, como o efeito de transparência é mobilizado? Compreendemos que os discursos adquirem novos sentidos à medida que são empregados pelos sujeitos, sentidos estes que estão sempre em processo de mudança e não são capturáveis em sua totalidade, dada a incompletude da linguagem.

Para a Análise do Discurso Pecheuxtiana, as palavras não se encontram coladas a seus objetos, elas adquirem forma conforme a posição-sujeito ocupada pelos enunciadores ou leitores, desta maneira não existe interpretação sem sujeito. Conforme Pêcheux (1995, p. 160) “as palavras, as expressões e proposições mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam”. Estas posições-sujeito são estabelecidas em um processo ideológico-discursivo no qual vamos nos identificando com determinados lugares e, conseqüentemente, não nos identificando com outros.

Com base nesses pressupostos teóricos, apresentamos um gesto de leitura sobre duas matérias similares, mas cuja ideia do vestibular é oposta: em uma delas é uma “possibilidade”, desde que associada com esforço e diligência, e em outra é uma certeza, a ponto de satirizarem outras profissões alternativas. Dessa forma, o objetivo deste artigo é examinar os discursos acerca dos alunos de escolas públicas e particulares, a partir das duas reportagens mencionadas acima,

“*Se nada der certo*”: *jovens se fantasiam de faxineiro, mecânico e ambulante em festa escolar*”, publicada pelo jornal Extra, em 05/06/2017, e a divulgada no G1, “*É possível!*” *diz estudante de escola pública que passou em Direito e Medicina*”, em 20/10/2017, a partir da perspectiva da Análise de Discurso Pecheuxiana. Sabendo que os discursos são proferidos através da tomada de posições-sujeito, socialmente estabelecidas, os recortes selecionados serão observados com a finalidade de entender os possíveis efeitos de sentido presentes nos discursos, e para analisar o mecanismo de funcionamento das formações imaginárias sobre alunos de escolas públicas/privadas.

2 Considerações teóricas sobre a Análise de Discurso

A Análise do Discurso, doravante AD, lida com a opacidade da linguagem, seus sentidos são múltiplos e não há neutralidade, uma vez que é no discurso que a ideologia se manifesta. Com este conceito teórico fundante, é possível, de acordo com Orlandi, “problematizar as maneiras de ler, levar o sujeito falante ou leitor a se colocarem questões sobre o que produzem e o que ouvem” (Orlandi, 2005, p. 9). Posteriormente, ao estabelecer essa relação não ingênua com a linguagem, torna-se exequível analisar outras questões ainda mais profundas, como os referentes ao funcionamento da ideologia.

Orlandi (2005) diz que a prova do funcionamento da ideologia é o fato de sermos levados a interpretar diante de qualquer situação. Uma vez que “não há sentido sem interpretação” (Orlandi, 2005, p. 45), e como os sentidos são múltiplos, as interpretações também o são. Ainda que haja a ideia de que os sentidos são transparentes, evidentes, segundo a autora, isto é um movimento de negação da interpretação, para que os sentidos, produzidos na relação entre simbólico e histórico, sejam naturalizados. Desta forma, por esse apagamento, discursos são reproduzidos como absolutos, apagando a espessura histórica que carregam junto com eles.

A Análise do Discurso foi fundada na França, buscando lapidar seu precioso objeto teórico no imbricamento de três áreas do conhecimento: a Linguística, a Psicanálise e o Materialismo Histórico. De acordo com Ferreira (2010, p. 23), Pêcheux defende que somente partes destas três áreas se unem e formam um nó borromeano; no seu centro, onde todos os lados se interconectam, há o sujeito, que está afetado por eles. Desta maneira, ao falar e produzir sentidos, este sujeito não os produz somente com base na linguagem, o interno, mas também em relação ao externo.

A AD, portanto, é uma ciência de entremeio porque se “refere a espaços habitados simultaneamente, estabelecidos por relações contraditórias entre teorias” (Orlandi, 2002, p. 21).

Ainda que a linguagem seja fundamental para a área, a AD a considera parte do todo. A língua só tem autonomia *relativa*, conforme diz Orlandi (2002, p. 37), sendo assim, parte do processo de significação é realizado pelo simbólico – e, conseqüentemente, pelos dois elementos extralinguísticos do tripé. Tanto a Psicanálise, cuja colaboração fundamental foi a do inconsciente, quanto o Materialismo Histórico, que introduz as questões ideológicas na ciência, são essenciais para (re)significação dos discursos e dos sujeitos, uma vez que sujeito e situação são “re-definidos e re-significados” (Orlandi, 2002, p. 22) em cada novo acontecimento.

A Análise do Discurso de Pêcheux surgiu em meio a uma corrente europeia que buscava compreender a linguagem para além da dicotomia língua/fala desenvolvida por Saussure. De acordo com Brandão (2006, p. 11), o discurso possibilita operar entre o “linguístico e o extralinguístico”:

A linguagem enquanto discurso não constitui um universo de signos que servem como instrumento de comunicação ou suporte de pensamentos; a linguagem enquanto discurso é interação, e um modo de produção social; ela não é neutra, inocente e nem natural, por isso o lugar privilegiado de manifestação da ideologia. Ela é o sistema-suporte das representações ideológicas (Brandão, 2006, p. 11).

Por isso a AD é uma ciência “não subjetiva da subjetividade” (Pêcheux, 1995, p. 178), uma vez que é através da materialidade discursiva que a materialidade ideológica se manifesta. O sujeito, também, de acordo com Orlandi, “é descentrado pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo controle como elas o afetam” (Orlandi, 2005, p. 20). Dessa forma, tanto ideologia quanto inconsciente afetam o funcionamento dos discursos dos sujeitos. Estas três áreas – linguagem, ideologia e inconsciente – são os três círculos que se interconectam no nó borromeano e, de acordo com Ferreira (2010), deixam um furo em cada uma delas: “furo da linguagem, representado pelo equívoco; o furo da ideologia, expresso pela contradição, e o furo do inconsciente, trabalhado na psicanálise” (Ferreira, 2010, p. 23). Destes furos, decorre o sentimento de falta e incompletude dos sujeitos.

A ideologia opera na teoria através do discurso, uma vez que “não há discurso sem sujeito e nem sujeito sem ideologia” (Orlandi, 2005, p. 17). Somos sempre levados a interpretar, de acordo

com a pesquisadora, esta é uma prova que atesta a presença ideológica. Diante de algum fato ou situação, o sujeito interpreta, ainda que negue a interpretação, considerando o sentido como uma evidência. Pêcheux fundamentou-se em Althusser para trazer o conceito de ideologia para a AD, ainda que em sua teoria, esta tenha sido ressignificada.

Althusser defende que a ideologia funciona de forma a manter a ascendência da classe dominante. Para isso acontecer, esta classe cria mecanismos que perpetuam sua condição de dominação através dos Aparelhos Ideológicos e Repressores de Estados. Os primeiros, (AIE), atuam através da “repressão ou ideologia, tentando forçar a classe dominada a submeter-se às relações e condições de exploração” (Brandão, 2006, p. 23); fazem parte dos Aparelhos Ideológicos de Estado as instituições de ensino, informação, religiosa, familiar, etc. Para a teoria, o Aparelho Repressivo de Estado (ARE) pode atuar através do exército, da polícia, dos tribunais, da administração, entre outros que funcionam através da repressão, ainda que, também, atuem de forma ideológica.

Louis Althusser (1985) conceitua diferentemente a “ideologia em geral” das ideologias particulares, as quais “exprimem sempre, seja qual for sua forma, posições de classe” (Althusser, 1985 p. 12). Conforme este autor, a ideologia em geral seria a “fixação teórica do mecanismo” (Althusser, 1985, p. 12), para comprovar sua tese, desenvolve três hipóteses. A primeira é a de que “a ideologia interpela indivíduos como sujeitos”, ao dizer isto, explica que o reconhecimento e interpelação têm papel fundamental no funcionamento do mecanismo ideológico, uma vez que ao fazer parte dele, tanto sujeito quanto suas ações serão reguladas pelos aparelhos de ideológicos.

A segunda, determina que a “ideologia tem uma existência porque existe sempre num aparelho e na sua prática ou suas práticas”. Para ele, a ideologia é material, porque ela é materializada nas ações e discursos, moldando-os. A terceira hipótese diz que “a ideologia representa a relação imaginária de indivíduos com suas reais condições de existência”. Os homens vivem através de relações imaginárias de representação da realidade concreta; ou seja, eles criam formas simbólicas, abstratas, que “supõem um distanciamento da realidade” (Brandão, 2006, p. 24), desta maneira, pode haver uma “deformação imaginária das condições de existência” (Brandão, 2006, p. 24).

Orlandi (2005) nos ensina que a ideologia não é um “conjunto de representações imaginárias, visão de mundo ou ocultação da realidade” (Orlandi, 2005, p.48), a ideologia é condição necessária para interpelação do indivíduo em sujeito e para que a língua e história façam sentido. A língua é uma representação simbólica para coisas do mundo externo e, como sabemos,

não há uma relação direta entre linguagem e pensamento, a linguagem é opaca e não transparente. Ao apagar o efeito de interpelação da ideologia, o sujeito apaga a inscrição da língua na história e, a consequência disto, segundo Orlandi (2005, p.48) é a sensação de evidência de sentido.

Sobre as formações imaginárias, Pêcheux (1997) as considera dentro das circunstâncias de um discurso. De acordo com ele, todos os sujeitos têm a capacidade de, ao falar, antecipar o lugar do outro para formular o discurso. Assim, posso saber “quem sou eu para lhe falar assim?” e “quem é você para me falar assim?”. De acordo com o autor, “o que funciona nos processos discursivos é uma série de formulações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles fazem do seu próprio lugar e do lugar do outro” (Pêcheux, 1997, p. 82).

De acordo com Ferreira (2013), o conceito de formação imaginária desenvolvido por Pêcheux foi baseado no de imaginário de Lacan, cujo cerne da discussão acaba na questão da linguagem, na qual os sujeitos acreditam que há relação exata entre sentido e palavra. Para Ferreira (2013), toda formação imaginária resulta de processos discursivos anteriores e é manifestada na antecipação realizada pelos sujeitos, uma vez que “o lugar de onde fala o sujeito determina a força no discurso, enquanto as relações de sentido pressupõem que não há um discurso que não se relacione com outros” (Ferreira, 2013, p.14).

As formações imaginárias dizem respeito às imagens resultantes das “projeções de sujeitos físicos e lugares empíricos” (Ferreira, 2013, p.14) e ao nos deparar com os discursos, inconscientemente, nossas formações imaginárias são acionadas para realizar o processo de antecipação e encontrar uma orientação.

3 “É possível!” Versus “se nada der certo”: o corpus a ser analisado

Para realizar a proposta deste artigo, iremos analisar duas notícias¹ divulgadas no ano de 2017, um pelo jornal G1 e outro pelo Extra; o primeiro trata da aprovação de uma aluna advinda

¹ Para este artigo optamos pela escolha da palavra notícia para descrição dos textos analisados. Os termos jornalísticos “notícia” e “reportagem”, por vezes, são tratados como sinônimos, entretanto, em questões editoriais, como vistas no *Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo*, configuram diferentes abordagens: “notícia” é o nome dado para um texto mais curto, com um nível de aprofundamento menor, cujo objetivo principal é a descrição

do ensino público em todas as Universidade Federais de Belém/PA e o segundo sobre uma festa à fantasia que estudantes de uma escola privada de Novo Hamburgo/RS realizaram com o nome de “Se nada der certo”.

Com a manchete “*É possível!*” diz estudante de escola pública que passou em *Direito e Medicina*, divulgada em 20/10/2017 pelo G1, a matéria começa dizendo que a jovem “virou exemplo” na escola pública onde estudou, uma vez que passou em “todas as universidades públicas de Belém, em cursos extremamente concorridos e na primeira vez em que fez o Enem²”, sendo eles Direito, Medicina e Medicina Veterinária. Depois disto, a notícia apresenta a vida difícil que a jovem diz levar junto a seus familiares e nos informa sobre sua rotina de 12 horas de dedicação aos estudos. Além disso, destaca a valorização da estudante em sua escola, inclusive, conta que a mesma fez uma palestra para incentivar outros alunos a acreditarem neles mesmos e em seus sonhos, como o de ingressarem no ensino superior.

Em contrapartida, a informação noticiada ‘*Se nada der certo*’: *jovens se fantasiam de faxineiro, mecânico e ambulante em festa escolar*, publicada pelo jornal Extra, em 05/06/2017, mostra o evento realizado em uma escola particular, em que estudantes do 3º ano do ensino médio se fantasiaram com roupas de profissões “alternativas” que seriam a “última opção” na vida de alguém em “que nada deu certo”. Com muitas fotos comprovando a realização da festa, a matéria também apresenta as “duras” críticas recebidas pela escola e sua retratação *online*, em que o colégio diz que “em momento algum teve a intenção de discriminar determinadas profissões, até porque muitas delas fazem parte do próprio quadro administrativo e são essenciais para o bom funcionamento da Instituição”. A escola, também, justifica que o evento foi para os estudantes “relaxarem” e para pensarem em alternativas no caso do insucesso no vestibular.

As duas matérias jornalísticas falam sobre educação superior e estudantes, entretanto, abordam perspectivas opostas: a primeira trata do ingresso em cursos superiores tradicionalmente de prestígio por uma jovem advinda de escola pública e a segunda trata de vagas de áreas profissionais socialmente “desvalorizadas” por estudantes de escola particular. O discurso utilizado na elaboração dessas matérias é bastante divergente.

do fato ocorrido e seus desdobramentos imediatos; uma “reportagem”, todavia, trata-se de um texto mais longo, com uma investigação mais elaborada dos acontecimentos, geralmente contendo múltiplas fontes e consultas de especialistas. O termo “matéria” é aceito como sinônimo de ambos, notícia e reportagem, e será tratado como sinônimo de notícia neste trabalho.

² O Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) é uma avaliação utilizada para admissão de alunos em diversas instituições públicas de ensino superior no Brasil.

Na primeira delas, há o uso do substantivo "possível", que, como visto no dicionário Michaelis, indica em determinados verbetes algo "que se consegue realizar; que pode ser feito", tópico que é apontado várias vezes pela estudante entrevistada durante a matéria; na segunda, há a expressão "Se nada der certo", instituída pela condicional "se", que antecede uma oração subordinada adverbial condicional, a qual traz uma hipótese necessária para a realização de alguma coisa. No caso desse enunciado, a sentença é completada com a informação de que os jovens se vestiram de faxineiro, mecânico e ambulante, então, um dos possíveis sentidos é o de que se nada der certo, estas serão suas profissões.

Para realizar a análise sobre o imaginário acerca da educação pública/privada é importante destacar a posição ocupada pelos estudantes destas instituições. Na Análise de Discurso, quando um sujeito fala, fala de algum lugar. Este lugar social ocupado pelo sujeito discursivo afeta o que ele enuncia, uma vez que determina a sua "força no discurso". De acordo com Eni Orlandi, "o sujeito, na análise de discurso, é posição entre outras, subjetivando-se na medida mesmo em que se projeta de sua situação (lugar) no mundo para sua posição no discurso [...]". (Orlandi, 1999, p. 17).

Ao ocupar uma posição de fala, assume-se uma identidade. De acordo com Ernst-Pereira (2009), as questões ligadas às de identidade são respondidas de forma discursiva, à medida que os sentidos produzidos constroem aquilo que o "sujeito é ou aquilo que se tomará" (Ernst-Pereira, 2009, p. 165). Ainda segundo a autora, estes parâmetros que são baseados, geralmente, em padrões ditos normais. Ao nos identificarmos com um deles, automaticamente nos afastamos de outro e nos tornamos aquilo que o outro não é, em "um processo de classificação, ou melhor hierarquização, que atribui valores desiguais ao diferente" (Ernst-Pereira, 2009, p. 165).

Estas posições sociais são previstas no mecanismo ideológico, uma vez que, de acordo com Althusser, para manter o funcionamento do capitalismo, é preciso haver reprodução dos meios de produção e da força de trabalho e, além disso é preciso que exista uma diversificação qualificada da segunda, que será "diversamente: conforme as exigências da divisão social-técnica do trabalho, nos seus diferentes "cargos" e "empregos"." (Althusser, 1985, p. 57). Para que cada sujeito reconheça sua posição, e que a exploração de uma classe pela outra se concretize, são utilizados os Aparelhos Ideológicos de Estado - e um deles, como já mencionado, é a escola.

Os AIE atuam para que seja mantida a ideologia vigente, em suas instituições são ensinados o "know-how sob forma que asseguram a submissão à ideologia dominante ou o domínio de sua prática" (Althusser, 1985, p. 58). Althusser ainda defende que o papel da escola

é o de ensinar disciplinas curriculares teóricas, mas, também, as regras de "bom comportamento", que segundo o autor são "convivências que devem ser observadas por todo agente da divisão do trabalho conforme o posto que ele esteja destinado a ocupar" (Althusser, 1985, p. 58). Dessa forma, é assegurada além da reprodução de qualificação a reprodução das normas de submissão.

Ao "ensinar" para os estudantes quais lugares no mundo devem ocupar, as escolas atuam de forma a manter a ideologia vigente. De acordo com Ernst-Pereira (2009), este processo de marcação do igual e exclusão do diferente é realizado através do discurso. Desse modo, as abordagens tão conflitantes sobre ensino superior podem ser analisadas nas duas matérias, considerando as formações imaginárias, enquanto mecanismos discursivos, que projetam imagens dos sujeitos e lugares empíricos e, ao identificarem-se com alguma delas, os sujeitos excluem o diferente.

3.1 Uma análise discursiva do corpus

Para realizarmos a análise, selecionamos recortes das duas matérias divulgadas. As sequências discursivas SD1, SD2 e SD3, referem-se, conforme já mencionado, à matéria publicada no veículo jornalístico G1, trazem o discurso da jovem, estudante da escola pública, que foi aprovada em três Universidade Federais públicas, nos cursos de Medicina, Medicina Veterinária e Direito; as SD4 e SD5, todavia, são referentes à pauta jornalística do jornal Extra, cujo foco foi a repercussão nas redes sociais sobre a "festa escolar"³

SD1: *"As pessoas que vem da escola pública sofrem muito preconceito. Tem gente que acha que não é possível passar em cursos concorridos, mas é. A escola não é responsável sozinha por nossa aprovação. O aluno precisa correr atrás, se dedicar e acreditar. Eu, sempre me esforcei muito para que hoje meu sonho tenha se tornado realidade",* contou. (grifo nosso)

³ Todas as Sequências Discursivas analisadas neste trabalho estão transcritas *ipsis litteris*, ou seja, tal qual seus respectivos textos originais.

SD2: "Nossa família é pobre, com poucas condições e por esse motivo me dediquei muito. Estudava 12 horas por dia para hoje poder estar aqui e espero me formar e um dia conseguir dar esse presente para minha mãe", confidencia. (grifo nosso)

SD3: "Não é porque *somos* ou *viemos* de escola pública que somos menos que os outros, todo mundo pode conquistar uma boa nota no Enem. É possível, mas tem que se dedicar", contou a jovem. (grifo nosso)

SD4: "Se nada der certo": com este nome, estudantes do 3º ano do ensino médio de uma escola do Rio Grande do Sul realizaram uma festa no último dia 17 de maio e se fantasiaram com trajes que, segundo os mesmos, representariam *profissões "alternativas", como última saída na vida de alguém em que...nada deu certo*. (grifo nosso)

SD5: Em nota, a IENH afirma que "em momento algum teve a intenção de discriminar *determinadas* profissões, até porque muitas delas fazem parte do próprio quadro administrativo e são essenciais para o bom funcionamento da Instituição". Em outro trecho do texto, a escola afirma que a atividade fazia parte do Dia D, voltado para a integração e "*descontração*" entre os alunos, sendo abordado um cenário de "*não-aprovação no vestibular*". (grifo nosso)

Retomando o fato de que as formações imaginárias são construídas discursivamente e a ideologia não é ocultação e sim mediação entre linguagem e mundo, segundo Orlandi (2005), e sabendo que os discursos são proferidos através de posições-sujeito, socialmente estabelecidas, as sequências discursivas serão analisadas com a finalidade de entender os efeitos de sentido presentes nos discursos, e se vão ao encontro destas formações imaginárias existentes sobre alunos de escola pública/privada.

Na SD1, é possível observar um discurso que mostra o estigma carregado pela educação pública brasileira. Ao iniciar o depoimento, a jovem relata o preconceito que os estudantes advindos destas instituições sofrem ao escolherem cursos comumente prestigiados, expondo a formação imaginária da escola pública como formadora de mão de obra, conforme visto na obra de Althusser (1985).

As três sequências discursivas chamam atenção pela mobilização da "negação" na articulação dos dizeres, é possível analisar essa repetição tomando por base um dos conceitos

propostos por Ernst-Pereira (2009), o excesso: de acordo com a pesquisadora, o excesso é aquilo que se repete, são formas textuais que aparecem demasiadamente nos enunciados e ganham destaque justamente por sua frequência. Percebemos que esse advérbio “não” é repetido no intradiscurso, várias vezes, resgatando saberes identificados com uma tomada de posição sobre a escola pública e os alunos egressos dela, em seus aspectos negativos. Ao antecipar tais saberes os nega, antes mesmo de relatar a sua experiência com a escola e o ingresso no ensino superior. Observamos também a construção com o pronome relativo “que”, “tem gente que acha que não é possível”, “as pessoas que vem da escola pública”, não são todas as pessoas, há um encaixe sintático que restringe os saberes sobre a escola pública e as pessoas que nela estudam.

Na SD1, podemos analisar no intradiscurso a presença do encaixe sintático introduzido por meio do pronome relativo “que”, além disso há também uma adversativa “mas”, e tal combinação no enunciado mobiliza os saberes que o sujeito acredita que estão atrelados à escola pública e tenta demonstrar que há uma exceção, uma vez que ele conseguiu, apesar de tudo que foi retomado, ingressar em um curso de direito. Percebemos que nas três SDs em foco, o sujeito menciona “passar” e “conseguir” relacionando tais feitos a um “esforço”, com horas de estudo e dedicação. Tais sequências discursivas referem-se a uma exceção, uma vez que são elementos pessoais que partem dos estudantes, não dependendo somente da escola, uma vez que o sujeito diz que “a escola não é responsável sozinha por nossa aprovação”. Nesse recorte, percebemos que essa exceção ancorada nos saberes referentes ao esforço, à dedicação e à diligência resultarão em uma aprovação no vestibular, ou seja, o êxito ocorre por meritocracia.

Observamos, também, que o discurso é arranjado de forma a gerar um distanciamento entre o sucesso no vestibular e a educação pública. Ao falar sobre o estereótipo⁴ dos alunos de escola pública, é utilizada terceira pessoa, da mesma forma que o faz ao dizer que "aluno precisa correr atrás, se dedicar e acreditar", ao passo que ao falar de sua aprovação como a concretização de um sonho, utiliza o pronome pessoal "eu". Os pronomes em terceira pessoa são utilizados para

⁴ Estereótipo é uma imagem atribuída de forma generalista a um grupo, estabelecida pelo senso-comum, sem necessariamente ter algum critério científico. De acordo com Amossy e Herschberg-Pierrot, estereótipo designa um tipo de construção sintática que aciona o pré-afirmado (Amossy;Herschberg-Pierrot, 2001, p. 113), ou seja, dentro da AD o estereótipo remete a um discurso já existente dentro do Interdiscurso e que é acionado, automática e inconscientemente, ao construir novos sentidos dentro de determinados tópicos, como, por exemplo, a educação pública e privada.

narrar acontecimentos ou pontos de vista, dos quais o narrador não faz parte; ao produzir enunciados desta forma, produz um afastamento; uma não-identificação com aquele lugar.

Na Análise do Discurso pecheuxiana, as posições-sujeito estão relacionadas às formações discursivas com as quais os sujeitos discursivos se identificam ou não. Assim, quando falamos, o fazemos partindo de algum lugar, sob a interpelação ideológica e movidos por mecanismos que nem sempre podemos perceber, ocupamos posições sociais, que exercem influência nos sentidos que estão sendo ditos. Por isso, os sentidos mudam, as palavras são ressignificadas e dois sujeitos podem falar em educação e estarem se referindo a sentidos completamente diferentes, uma vez que acionam posições-sujeito diferentes. Ao falarmos, então, assumimos essas posições imaginárias sobre o que deveriam ser estudantes de escola pública ou privada, por exemplo. Na SD1 observamos que são usados termos como “o aluno”, “as pessoas que vem de escolas públicas”, ao passo que também encontramos pronomes em primeira pessoa como “eu”, entretanto percebemos que são utilizados em condições diferentes – quando fala sobre a escola pública e seus alunos, há um distanciamento ao falar deles em terceira pessoa. Essa SD1 sinaliza um processo de identificação com saberes oriundos de uma Formação Discursiva sobre o ensino que ressalta aspectos negativos/estigmas referentes ao ensino público, conseqüentemente, isso é extensivo aos alunos oriundos desse ensino. Desta forma, discursos como o da SD 1 mostram que esse sujeito, no lugar de aluna, não se identifica totalmente com aquela posição.

Na SD3, quando o sujeito realiza o movimento de comparação “não é porque *somos* ou *viemos* de escola pública que somos menos que os outros, todo mundo pode conquistar uma boa nota no Enem” também se utiliza da negação para gerar um afastamento sobre esses saberes, não é uma condição “ser de escola pública e ser menos do que outra pessoa”, essa afirmação encontra-se atrelada a uma Formação Discursiva sobre o ensino público. O uso da adversativa “mas” também possibilita um movimento parafrástico que se opõe ao que vem sendo dito na frase, quando o sujeito diz que “todo mundo pode conquistar uma boa nota no Enem, mas tem que se dedicar”, permite parafrasearmos o seguinte: “Aquele que se dedicar, obterá uma boa nota no Enem”, essa mobilização produz um efeito de sentido que reitera o esforço, a dedicação, mas ainda que o sujeito reforce em seu discurso que “é possível” não consegue desvencilhar-se do estigma da escola pública. O uso do “é possível” retoma um

imaginário sobre a escola pública como falha, reforçando no discurso o imaginário de que os alunos que são aprovados em cursos superiores fazem parte de um grupo pequeno das exceções.

NA SD2 e SD5, é possível notar um contraste entre o comportamento dos estudantes das instituições pública e privada. Na SD2, são expostas as dificuldades vividas por sua família e há o relato da rotina de 12 horas de estudo diário, intensificado antes da prova do vestibular, diversamente da festa realizada pelos alunos da instituição paga para "descontrair", "sendo abordado um cenário de "não-aprovação no vestibular". O fato de uma estudante de escola pública passar em um vestibular é relatado, de forma romantizada e meritocrática, ressaltando horas de dedicação e esforço, enquanto para os alunos da escola particular a "não-aprovação" é tratada de forma satirizada.

A SD4 mostra o depoimento dos alunos da instituição privada acerca do episódio, os mesmos apontam estas profissões como "*alternativas*", como *última saída na vida de alguém em que...nada deu certo*"; a não-identificação com esses lugares é notável, de forma que os jovens os utilizam como "fantasia", traje comumente utilizado em festas como carnaval ou halloween, geralmente com intuito cômico. O recorte "a última saída na vida de alguém em que nada deu certo" corrobora com a ideia de afastamento, não se veem identificados com os saberes sobre essas profissões, logo, refutam qualquer uma delas, exceto, se algo der errado. Disso podemos entender a alusão à dicotomia do certo e errado, ou melhor, dar certo na vida, ser bem-sucedido, através de uma profissão de prestígio.

Ao pronunciar-se sobre a festa dos estudantes (cf. SD5), a escola diz que "em momento algum teve a intenção de discriminar *determinadas* profissões, até porque muitas delas fazem parte do próprio quadro administrativo e são essenciais para o bom funcionamento da Instituição". De acordo com a AD, todos os dizeres possíveis se encontram "disponíveis" para os sujeitos no nível do interdiscurso, que é o eixo, segundo a teoria, da *constituição* de discursos, da "memória" discursiva (Orlandi, 2005, p. 33). Entretanto, ao produzirmos um discurso, o fazemos através do eixo da "formulação" (Orlandi, 2005, p.33), denominado intradiscurso. De forma alguma, inclusive por termos acesso a todos os dizeres no momento da construção discursiva e escolhermos determinadas combinações, controlamos os efeitos de sentido que repercutem através de nossos dizeres.

Ambos os eixos estão interligados com dois esquecimentos nos quais, enquanto sujeitos assujeitados pela ideologia, somos invariavelmente submetidos: o número um, no qual acreditamos ser origem do que dizemos; e o número dois, no qual pensamos que o que dizemos

só pode ser dito da maneira como fazemos (Orlandi, 2005). Tanto o conceito de interdiscurso quanto o de intradiscursos e os esquecimentos estão relacionados a outro conceito da teoria, o das Formações Discursivas – sendo estas determinantes sobre tudo o que pode e deve ser dito e também para o que não pode e nem deve ser dito.

Ao observar o que é dito pela escola, percebemos que, na retratação, há uma tentativa de alinhamento dela com uma Formação Discursiva que não esteja atrelada a dizeres preconceituosos, entretanto, essa tentativa é falha. Tanto o uso de "determinadas", que pode remeter a uma coisa ou ser não definido, mas distinto dos demais, quanto a ideia do advérbio de inclusão "até", que na sentença se refere a essas profissões que fazem parte do quadro administrativo, trazem sentidos cujos efeitos remetem a uma "permissão/tolerância" desses profissionais no quadro de funcionários. Dessa forma, mesmo que esteja tentando mostrar-se alinhada a uma FD outra, tal discurso mobiliza efeitos de sentido que estão fortemente interligados com uma FD elitista e preconceituosa.

Ainda que a escola privada tenha sido criticada na notícia, não há um questionamento sobre o lugar que seus estudantes ocupam e/ou irão ocupar. As formações imaginárias que são projetadas acerca da imagem destes estudantes e circulam no imaginário popular permite a propagação da ideia de que aqueles cargos não pertencem aos estudantes. Assim, o discurso da jovem da escola pública ao retomar o estigma que os estudantes destas instituições carregam, acaba, através da memória discursiva, atualizando tais saberes sobre a escola pública e sobre a entrada na universidade através do mérito.

A mobilização da Formação Discursiva dentro dos discursos reproduz um imaginário social que não se restringe à educação formal, ela gira em torno do *status* social e do poder aquisitivo. Podemos analisar que o imaginário social de "quem tem pode ser" e "quem não tem não pode ser" se manifesta nos discursos dos estudantes das duas escolas: da pública ao dizer que "é possível", mesmo que, sem muita condição financeira, partindo de outras condições, o ingresso em uma instituição superior, em um curso de prestígio é possível; e da particular, ao partir de um contexto em que se dispõe de melhor condição financeira, ao imaginar uma não aprovação no vestibular, terá como consequência atuar como profissionais da limpeza, trabalhar no comércio, entre outros tipos de trabalho. O capital, então, dos estudantes e sua família está diretamente ligado ao sucesso destes alunos na universidade, em cursos e, futuramente, em profissões que têm valorização social.

Ambos os estudantes, tanto os provenientes das escolas particulares quanto das públicas demonstram em seus discursos que as formações imaginárias funcionam de modo a identificar lugares estabelecidos socialmente para os sujeitos e identifica-se com saberes da ideologia do capitalismo. Dessa forma, percebemos que, ainda que os estudantes em questão mobilizem diferentes posições-sujeito, estão alinhados com a mesma formação discursiva, encarregada de direcioná-los através da representação de seus lugares sociais; estas capturas imaginárias, por sua vez, não trazem verdades absolutas e aprisionam alunos dentro de “muros” que *podem/ devem* ser questionados e atravessados.

Considerações finais

Os veículos jornalísticos também fazem parte dos Aparelhos Ideológicos de Estado, pois neles, e através deles, os discursos manifestam o efeito ideológico que atua na manutenção/reprodução da ordem da classe dominante. Assim nos deparamos com discursos pretensamente neutros, como os que foram aqui analisados, propagados na mídia jornalística, como vimos na primeira manchete “*É possível!*” diz estudante de escola pública que passou em *Direito e Medicina*, divulgada em 20/10/2017 pelo G1.

Através dos discursos analisados e observando que 63% da população universitária brasileira é formada por alunos provenientes de escolas públicas (Senkevics e Mello, 2019, p. 23), um dos possíveis efeitos de sentido para construção desta notícia não é o esforço vivido pela jovem para conseguir ingressar na universidade federal, mas sim os cursos em que a mesma foi aprovada, pois são cursos prestigiados por representarem certo *status social*.

O processo contrário é visto na segunda manchete, “*Se nada der certo*”: *jovens se fantasiam de faxineiro, mecânico e ambulante em festa escolar*, publicada pelo jornal Extra, em 05/06/2017. Como foi demonstrado, os estudantes que participaram desta “festa escolar” são alunos de uma escola privada e, ao se fantasiarem como profissionais alternativos, no caso de não-aprovação no vestibular, sinalizam o desprestígio de tais profissões, ou seja, são profissionais desvalorizados, não se deram tão bem na vida, não alcançaram o *status*.

Ao pensarmos sobre como as relações humanas se desenvolvem atualmente, estas matérias mostram um contraste que vai além do âmbito escolar, ainda que este seja um reflexo do primeiro: o econômico. Os estudantes, muitas vezes, acreditam que só quem pode ingressar

em instituições de ensino superior são aqueles oriundos de escolas particulares, porque eles têm melhores condições financeiras. Nos seus discursos, há uma relação com uma Formação Discursiva em que tais sentidos se manifestam, pois os estudantes relacionam educação superior com o poder aquisitivo – o que faz dela, de certa forma, também um produto adquirido, mesmo que de forma simbólica, uma vez que está disponível, de forma mais fácil, para quem pode pagar. Para alguns, entretanto, de acordo com os discursos presentes nas SDs analisadas, é necessário o dobro de dedicação/empenho. Outro sentido que aparece, então, é o do prestígio de determinadas áreas em desalinho com outras. Há um estigma ainda maior com profissionais que não precisam de ensino superior para atuarem.

Esses “tipos de educação” e discursos, constitutivamente afetados pela ideologia, em seus modos de produzir sentidos, atuam na construção das formações imaginárias desses sujeitos e no modo como se veem no mundo externo à escola, seus futuros lugares sociais, uma vez que a escola é considerada um importante AIE.

Ao finalizarmos nosso gesto de leitura, compreendemos que, ainda que tais estudantes sejam levados, inconscientemente, através Aparente Ideológico Escola, a mobilizarem e se identificarem com determinadas FD, precisam refletir sobre modos de ler e interpretar os movimentos dos sentidos, pois a cada novo gesto de leitura, haverá novos efeitos de sentido que poderão suscitar formas de resistência e de combate a práticas que naturalizam/sedimentam a desigualdade, a segregação e o preconceito de todo tipo, dentro e fora das instituições de ensino.

CRedit

Reconhecimentos: Não é aplicável.

Financiamento: ...

Conflitos de interesse: Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.

Aprovação ética: ...

Contribuições dos autores:

MEDEIROS, Ariadne Siqueira.

Conceitualização, Curadoria de dados, Análise formal, Investigação, Metodologia, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição.

MACHADO, Rosely Diniz da Silva.

Conceitualização, Curadoria de dados, Análise formal, Investigação, Metodologia, Supervisão, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição.

Referências

AMOSSY, R.; HERSCHBERG-PIERROT, A. *Estereotipos y clichés*. Tradução de Lelia Gándara. Buenos Aires: Eudeba, 2001.

ALTHUSSER, L. *Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado*. 3 ed. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1985.

BRANDÃO, N. *Introdução à Análise do Discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

CHARAUDEAU, P. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.

ERNST-PEREIRA, A. A falta, o excesso e o estranhamento na constituição do corpus discursivo. In: *IV Seminário de Estudos em Análise do Discurso*, 2009, Porto Alegre. *Anais: Memória e história na/da Análise do Discurso*. Porto Alegre: Instituto de Letras - UFRGS, 2009.

FERREIRA, M.C.L. Análise do discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso. *Organon*, Porto Alegre, n. 48, p. 17-34, 2010.

FERREIRA, M.C.L. *Glossário de termos do discurso*. Porto Alegre: UFRGS. 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Desemprego*. Disponível em: <<<https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php>>> último acesso em 18 set. 2023.

MARTINS, Eduardo. *Manual de redação e estilo de o Estado de S. Paulo*. 3ª edição, São Paulo: O Estado de S. Paulo, 1997.

ORLANDI, E. Do sujeito na história e no simbólico. *Escritos nº 4*. Campinas: publicação do Laboratório de Estudos Urbanos Nudecri/LABERURB, 1999. Disponível em: <<<https://labeurb.unicamp.br/site/web/upload/files/escritos/Escritos4.pdf>>>. Último acesso em 18 set. 2023.

ORLANDI, E. A análise de discurso e seus entremeios: notas para a sua história no Brasil. *Caderno de Estudos Lingüísticos*, Campinas, v. 42, p. 21-40, jan./jun 2002

ORLANDI, E. *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. Campinas: Pontes, 2005.

PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi. et al. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 2 ed. Campinas: Unicamp, 1997, p. 61-161.

POSSÍVEL. In: *Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Uol, 2023. Disponível em: <<<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portuguesbrasileiro/poss%C3%ADvel/>>>. Acesso em 8 de setembro de 2023.

SENKEVICS, A; MELLO, U. Um. O perfil discente das universidades federais mudou pós-lei de cotas? *Cadernos de pesquisa*. São Paulo, v.49, n.172, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/KSvkm3DG3pPZYvpXxQc6PFh/#>. Acesso em 16 dez. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. *Vestibular 2023: Densidade*. Disponível em: <<<https://www.ufrgs.br/vestibular/cv2023/densidade/>>>. Último acesso em 18 set. 2023.